

A Geografia na Contemporaneidade

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

CAPÍTULO 1	1
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
Ana Carolina Lydia	
DOI 10.22533/at.ed.1931821121	
CAPÍTULO 2	16
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.1931821122	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
Ismael Donizete Cardoso de Moraes	
Vanilton Camilo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1931821123	
CAPÍTULO 4	36
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
Cássia Hack	
Celi Nelza Zülke Taffarel	
Sicleide Gonçalves Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.1931821124	
CAPÍTULO 5	48
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Reinaldo Pacheco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1931821125	
CAPÍTULO 6	63
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
Fátima Regina Cividini	
Valdir Gregory	
DOI 10.22533/at.ed.1931821126	
CAPÍTULO 7	76
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
Romisval Silva dos Santos	
Elane Bastos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1931821127	

CAPÍTULO 8 83

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

DOI 10.22533/at.ed.1931821128

CAPÍTULO 9 95

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

DOI 10.22533/at.ed.1931821129

CAPÍTULO 10 109

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211210

CAPÍTULO 11 118

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211211

CAPÍTULO 12 127

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211212

CAPÍTULO 13 141

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211213

CAPÍTULO 14 152

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.19318211214

CAPÍTULO 15	165
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva Renata Felinto Farias Aires Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.19318211215	
CAPÍTULO 16	182
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.19318211216	
CAPÍTULO 17	193
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato Emerson Ferreira da Silva Irene Carniatto	
DOI 10.22533/at.ed.19318211217	
CAPÍTULO 18	208
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo Maria Morgana Santos Santana Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.19318211218	
CAPÍTULO 19	218
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha André Avelino Cabanha	
DOI 10.22533/at.ed.19318211219	
CAPÍTULO 20	233
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.19318211220	
CAPÍTULO 21	249
FORMAS DE ACESSO Á TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos Gilmar Oliveira da Silva Elane Bastos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.19318211221	
CAPÍTULO 22	260
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso Mariluci Neis Carelli	
DOI 10.22533/at.ed.19318211222	

CAPÍTULO 23	269
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.19318211223	
CAPÍTULO 24	280
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
DOI 10.22533/at.ed.19318211224	
CAPÍTULO 25	294
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.19318211225	
CAPÍTULO 26	309
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
DOI 10.22533/at.ed.19318211226	
SOBRE A ORGANIZADORA	319

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG

Aline Fernanda Cardoso

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO- UNIMONTES- Montes Claros/ MG

Valéria Aparecida Moreira Costa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO- UNIMONTES- Montes Claros/ MG

Iara Soares de França

Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO e em Sociedade, Ambiente e Território/PPGSAT – UFMG/UNIMONTES - Montes Claros/ MG

RESUMO: A dinâmica urbana assume frequentemente novos contornos resultantes da reprodução social e capitalista, que se materializam na cidade. Há inúmeros critérios para definir as cidades, seja a partir da demografia, urbanização, fatores econômicos, centralidade e uso do solo, dentre outros. Nesse sentido, o presente trabalho procura compreender a dinâmica urbana nas pequenas cidades, especificamente no município de Guaraciama - MG, evidenciando a formação da cidade, as estruturas urbanas, a distribuição de oportunidades econômicas e as relações sociais do lugar. A metodologia utilizada consistiu em revisão bibliográfica e documental

junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, e pesquisa *in loco* com registros iconográficos da cidade. Ao analisar o espaço urbano de Guaraciama, nota-se que, assim como os demais municípios com menos de 5 mil habitantes, que dependem ativamente dos repasses de verbas, especialmente dos impostos federais e do capital gerado em municípios maiores e mais dinâmicos, tem-se o desequilíbrio das finanças locais, o déficit de execução orçamentária e déficit financeiro, caracterizando-se um com um baixo desenvolvimento urbano.

PALAVRAS CHAVE: Espaço urbano; Dinâmica urbana; Cidades pequenas; Guaraciama.

ABSTRACT: The urban dynamic often assumes new contours derivated from capitalist social reproduction that materialize in the city. There are countless criteria to define the cities, be from demography, urbanization, economic factors, centrality and the use of the soil, among other. In this sense, this presente work seeks to understand the urban dynamic in the small cities, specifically in the Municipality of Guaraciama – MG, showing the formation of the city, the urban structures, the economic oportunities' distribution and the social relations of the place. The methodology used consisted in a literature and documental review from the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –

IBGE, research “*in loco*” with iconographic records of the city. To analyze the urban space of Guaraciama, note that, just like other municipalities with fewer than 5000 inhabitants, who depend on transfers of funds actively, especially of the federal taxes and capital raised in larger and more dynamic municipalities, the imbalance of local finances, the budgetary deficit and the financial deficit, with low urban development.

KEYWORDS: Urban space; Urban dynamic, Small cities; Guaraciama.

1 | INTRODUÇÃO

Historicamente, o conceito de cidade associa-se a concentração populacional e a existência de um ambiente de trocas de mercadorias, portanto um ambiente de fluxos e de escalas variadas. Já o processo de urbanização é definido como um fenômeno de crescimento e desenvolvimento das cidades a partir da nova população resultante do êxodo rural. Desta forma, para ambos os aspectos demográficos são determinantes, porém, para analisar a complexidade atual das cidades e as dinâmicas urbanas, estes não são suficientes (CORRÊA, 1989).

Para isto, o espaço deve ser refletido como mercadoria e produto das relações sociais, pois “a sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, em decorrência de sua história - mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade” (SANTOS, 1997, p. 49).

As cidades se desenvolvem como espaço socializado e também urbanizado. Como assinala Corrêa (2000), o espaço urbano é fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas, um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, feitos por agentes que produzem e consomem espaço. Um local que pode ser refletido a partir da percepção que seus habitantes exprimem das heranças do modo de produção a partir do qual foram construídas. Já que a formação das cidades está intimamente ligada à forma espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas.

Já para Gottieneer apud Silva (2007), o espaço urbano é a materialização do desenvolvimento contínuo do sistema capitalista. Assim, a morfologia espacial urbana esta dialeticamente relacionada com as mudanças estruturais na organização social. Isso permite considerar a extrema importância do estudo e análise da forma urbana, e seu crescimento para a compreensão do espaço e a cidade. Desta forma, a cidade não pode ser lida de imediato, somente das aparências do urbano, formas e estrutura, mas é importante decifrá-la a partir da complexidade de suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Tendo em vista o sistema capitalista atuante nas diversas formas de segregação, pois o urbano nada mais é que o reflexo da sociedade.

Nesse sentido, o presente trabalho procura compreender a dinâmica urbana nas cidades pequenas, especificamente no município de Guaraciama- MG, evidenciando a formação da cidade, a concentração de estruturas urbanas, a distribuição de

oportunidades econômicas e as relações sociais do lugar.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Para isso, a metodologia usada consistiu na análise bibliográfica sobre Produção do espaço urbano, Urbanização, Urbanização brasileira, Cidades pequenas, Interações espaciais; levantamento de dados estatísticos, demográficos e econômicos do município junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; além de visita *in loco* para registros iconográficos e confirmação dos dados obtidos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como citado anteriormente o conceito de urbanização e cidade era definido somente por aspectos demográficos, já que este se deu a partir do êxodo rural, gerando oportunidades de empregos advindos da revolução industrial, fomentando a migração campo- cidade que devido à alta densidade populacional não se pode abstrair de infraestrutura, equipamentos e serviços urbanos que anteriormente era dispensado na vida no campo (LUFT, 2010). O que exprime industrialização e urbanização terem aparecido sempre associadas. É na cidade, o berço para a acumulação de capital que oferece condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, formando assim a divisão social do trabalho e evidentemente as classes sociais.

Portanto, a compreensão da urbanização a partir do desenvolvimento industrial é entender o próprio desenvolvimento do capitalismo e a sociedade contemporânea, como aponta Sposito (1989, p.50):

A expressão da urbanização via industrialização não deve ser tomada apenas pelo elevado número de pessoas que passaram a viver em cidades, mas, sobretudo porque o desenvolvimento do capitalismo industrial provocou fortes transformações nos moldes da urbanização, no que se refere ao papel desempenhado pelas cidades, e na estrutura interna destas cidades.

As cidades não devem ser compreendidas como produtos estáticos, elas produzem-se e se reproduzem. Ao tratar da urbanização é necessário considerar a materialização das questões sociais, na perspectiva de compreender as relações e transformações entre o espaço de uma sociedade e o contexto de formação.

Em países desenvolvidos a urbanização e a formação das cidades são processos dinâmicos e estruturados, garantem boa infraestrutura e planejamento urbano que atenda a demanda de migração e o conseqüente desenvolvimento. Já aquelas solidificadas nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, que teve a urbanização como um processo recente, a partir da segunda metade do século XX na década de 1930, transformou-se rapidamente de um país rural e agrícola para um país urbano. Assim, grande parte da população passou a morar em cidades grandes, que até então de acordo com resultados do censo demográfico de 1940, apenas

31,2% da população brasileira na época, que era de 41.236.315 habitantes, residia em áreas urbanas, em sua maioria no eixo Rio - São Paulo, vivendo nas duas grandes metrópoles e o restante se encontrava em cidades menores e no campo (IBGE, 1940).

O processo de urbanização e industrialização que houve no Brasil é fruto de políticas de desenvolvimento do Estado que trouxe como consequência o acúmulo de população em determinadas regiões do país. De acordo com Maricato; Tanaka (2006) durante séculos a urbanização esteve concentrada no litoral brasileiro, devido ao processo de colonização do Brasil, especialmente nas Regiões Sul e Sudeste. Porém, este teve sinais de mudanças no crescimento das cidades e na migração para o Centro- Oeste e Norte.

Para Matos, (2000) tal mudança no cenário nacional ocorreu a partir da expansão da malha viária e a instalação do setor automotivo no Brasil no Governo Juscelino Kubitschek, além da modernização agrícola que acarretou na descentralização da indústria na Região Sudeste e a expansão do agronegócio e da exploração de minérios e madeira. Nesse sentido, é possível identificar o dinamismo da urbanização no Brasil resultante das altas taxas de crescimento vegetativo da própria população urbana e da impressionante contribuição das migrações campo-cidade.

Além da modernização industrial, e as políticas públicas federais, ambas favoreceram diretamente nas aglomerações urbanas e expansão da rede urbana, formando um processo consistente de interiorização do desenvolvimento das cidades. Desta forma, há explicação evidente na evolução do grau de urbanização no país entre 1940 e 1996 de 31,2% da população residindo em domicílios urbanos, em 1940 para 44,7% em 1960; 67,6% em 1980; 75,6% em 1991 e 78,4% em 1996. Ao analisar a tabela 1 verifica-se que o maior grau de urbanização e população urbana se deu nos anos de 2000 e 2010.

Período	População Total	População Urbana	Grau de Urbanização
1940	41.236.315	12.880.182	31,24
1950	51.944.397	18.782.891	36,16
1960	69.930.293	31.214.700	44,64
1970	93.139.037	52.084.984	55,92
1980	119.502.716	80.436.419	67,31
1991	146.825.475	110.990.990	75,59
2000	169.544.443	137.697.439	81,22
2010	190.755.799	160.925.792	84,36

TABELA 01: População e Urbanização no Brasil

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Assinala-se que entre os anos de 1960 e 1980, houve a migração de quase 43 milhões de pessoas para as áreas urbanas. Trata-se de um grande deslocamento populacional, em um pequeno espaço de tempo, o que bem qualifica as grandes transformações pelas quais passava a sociedade brasileira (BRITO, 2006).

A distribuição da população urbana é desigual no Brasil, com maior concentração nas cidades grandes, que possuem mais de 100.000 habitantes. De acordo com IBGE em 1940 e 1950, mais de 60% da população urbana residia em cidades menores do que 100.000 habitantes, principalmente naquelas menores do que 20.000 habitantes. Já no ano de 1970, com o processo acelerado de urbanização, mais da metade da população residia em cidades com mais de 100.000 habitantes, sendo que dentre essas, 34% em cidades maiores do que 500.000 mil consideradas cidades médias. As cidades pequenas segundo Camarano e Beltrão (2000), representavam em 1970 14% da população total urbana brasileira, em 1980 totalizaram 2971 municípios, sendo 74,43% com menos de 20.000 habitantes.

Entretanto, independente do tamanho das cidades e sua população, as mesmas não existem isoladamente, sem troca de informações, bens e serviços com outras cidades. Todas elas estão ligadas no interior de uma rede urbana, ambas unidas de acordo com a centralidade exercida pela mesma em determinada região, estabelecendo-se as cidades pequenas, médias e grandes que constituem a hierarquia urbana.

Toda cidade é, do ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades econômicas vistas a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a sua centralidade – ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro ou até de outros países (SOUZA, 2003, p.25)

França aponta que “as interações econômicas e espaciais entre as cidades levam a configuração de espaços cada vez mais interconectados, onde as economias de centros urbanos menores dependem de centros médios e grandes, formando um sistema urbano complexo e dinâmico (FRANÇA, 2007 p. 44)”. Portanto, a centralidade exercida por uma determinada cidade, ou seja, a oferta de bens e serviços determina o seu papel na rede urbana.

Um exemplo do exposto acima é o papel que desempenha cidade média de Montes Claros no Norte de Minas o único município com mais de 100.000 habitantes. Em contrapartida dos 89 municípios nortemineiros, onde 69 possuem população inferior a 10.000 habitantes. Este centro urbano exerce papel importante, não apenas pelas representações demográficas, mas também pela oferta de serviços, tanto na área de educação, de saúde, ou mesmo para transações comerciais, caracterizando seu papel de centralidade regional.

De acordo com Magalhães (2009), o processo histórico de formação do município de Montes Claros ocorreu de forma involuntária a partir da acomodação de bandeiras paulistas na região, no século XVII, até a década de 1970 sua base econômica era

apoiada na agropecuária tendo o rio São Francisco e seus principais afluentes como elemento para o escoamento da produção regional.

A partir de 1963, a região foi incorporada à área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, pois possuía características econômicas e sociais típicas do nordeste Brasileiro, sua atuação promoveu mudanças na economia regional a partir da instalação de parques industriais e projetos agropecuários, se destacando os municípios Montes Claros, Pirapora, Várzea da Palma e Bocaiúva (MAGALHÃES, 2009).

Neste período a população atingia cerca de 27,6% vivendo nas cidades, em 2000 aumentou para 64,53%, sendo válido ressaltar que tais valores foram diferentes entre os municípios, representando distintos níveis de urbanização. No caso de Montes Claros em função da localização privilegiada contando com o acesso a rodovias como a BR-135, BR-365, MGT-308, MGT-251 e MGT-135, possui fluxo de pessoas e mercadorias em grande escala, o que propiciou a expansão urbana e o desenvolvimento da cidade. O grau de urbanização da passou de 40,66%, em 1960, para 73,10%, em 1970, e chegou a 87,60%, em 1980 (Censo, IBGE). Logo, consolidou-se como referência para os demais municípios vizinhos, como aponta Pereira (2007, p. 277):

Montes Claros surge como um centro regional que comanda as áreas do seu entorno e os municípios com menor diversidade de funções. Abriga fluxos regulares de mercadorias, pessoas, informação, interagindo com a capital estadual (que a polariza) e com municípios vizinhos.

Desta forma, Montes Claros passou a ser vista como centralidade na região, onde tem exercido autonomia e influência em relações econômicas, políticas e sociais sobre as demais cidades pequenas, causando certa dependência até mesmo em municípios que também receberam incentivos fiscais da SUDENE. Como exemplo, o município de Bocaiúva que além de constituir uma das microrregiões do norte de Minas, mantém relação direta com Guaraciama por fazer parte da mesma. Guaraciama por sua vez também interage com Montes Claros, caracterizando o dinamismo entre as cidades na rede urbana.

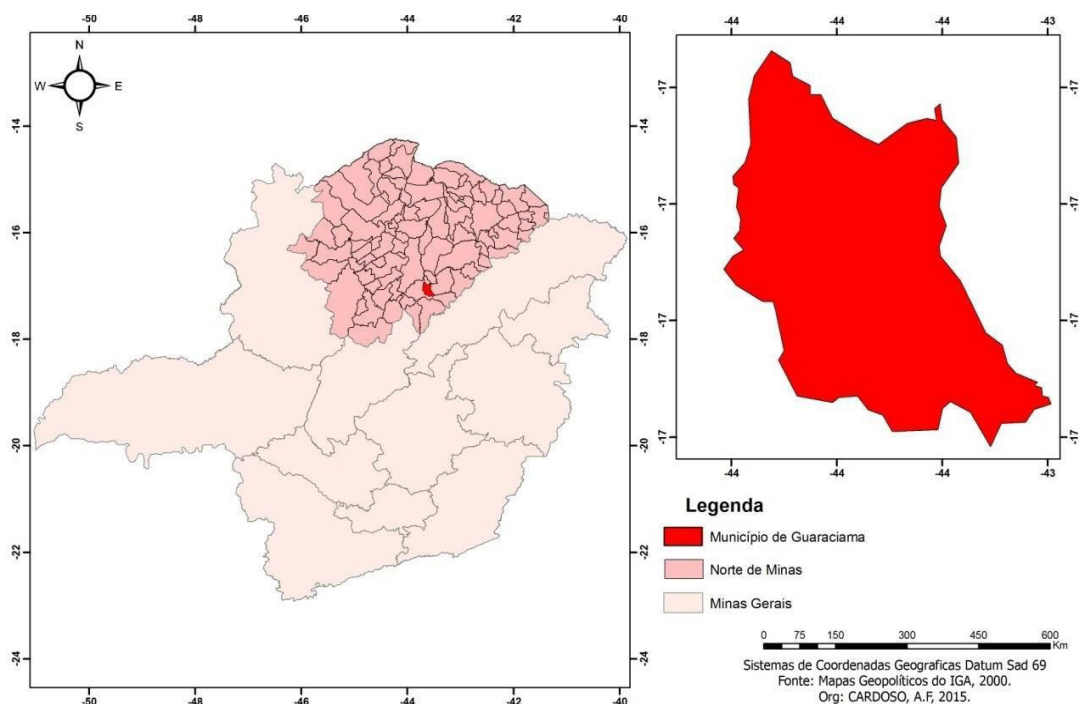
Tanto Bocaiúva quanto Guaraciama são consideradas cidades pequenas, apesar de apresentar diferenças demográficas. Milton Santos (1979) ao tratar de rede urbana denomina as pequenas cidades como cidade local sendo de extrema importância para as vilas e as zonas rurais do município. Mesmo possuindo um nível urbano elementar, pois apresentam atividades econômicas de pouca expressão, sem muitas opções de emprego à população local, exceto àquelas ligadas ao setor agropecuário nas zonas rurais do município e a pequena faixa comércio e administração pública, além de poucas ou nenhuma estruturas física e social que compõe uma cidade (prédios, parques... etc.). Tais atividades influenciam diretamente na consolidação das cidades, na configuração espacial exercidas pelas modificações feitas pelo homem na natureza, o que produz a sociedade. Como afirma Corrêa (2000, p. 53):

O estudo da produção do espaço urbano corresponde a análise da própria sociedade, ou seja, a organização espacial é a própria sociedade espacializada, o espaço geográfico reflete e traduz o processo de produção da sociedade a partir das relações sociais e econômicas estabelecidas historicamente.

Portanto, pode se compreender que as estruturas físicas de uma cidade são mais que estruturas estáticas, são os símbolos do modo de vida de uma população, ambos construídos de acordo com o estágio de desenvolvimento de cada sociedade, ou seja, com as necessidades de cada época o que remota a origem de cada cidade.

Um fator de extrema importância para a origem das cidades são as relações de trabalho da população, Medeiros (2005) assinala que em um primeiro momento estas contribuíram para o povoamento rural, com predomínio de atividades de subsistências até fazendas de grande porte, que em sua maioria construíam pequenas capelas dedicadas aos Santos de devoção marcando o povoamento destas regiões.

Nesse sentido, a cidade de Guaraciama localizado na Mesorregião Norte do estado de Minas Gerais (Mapa 1) entre as coordenadas geográficas de Latitude: 16° 59' 51" Sul e Longitude: 43° 41' 0" Oeste, originou-se com o nome Taiobas datando-se em 1905, em terras doadas pelos fazendeiros João Veloso e Vicente Figueiredo, fazendo parte do distrito de Bocaiuva/MG. Logo após, o povoado passou a ser chamado de Santa Clara em homenagem à santa devota da população, atualmente o padroeiro da cidade é São João Batista ao qual se destina a tradicional festa junina da cidade. Entretanto, em dezembro de 1995, desmembrou-se de Bocaiuva, criando o município de Guaraciama que em indígena significa “terra do sol” (IBGE, 2010).



Mapa 1: Localização do município de Guaraciama no Norte de Minas Gerais. Fonte: CARDOSO, A. F, 2015

Desta forma, a religiosidade foi fator que impulsionou à formação da cidade e a organização espacial da mesma, o traçado das ruas, a localização dos setores

de serviços de comércio e saúde, como aponta Medeiros (2005 p. 30) “A partir da religiosidade que se desenvolveram as cidades e com elas uma divisão espacial e social do trabalho [...], e através do trabalho que realiza para construir a existência, cria sua própria organização espacial”. Ou seja, a estrutura urbana de Guaraciama é o produto da sua forma de ocupação e as relações de trabalho do lugar. A área central da cidade impulsionou o crescimento urbano da cidade, mesmo que este não seja tão acentuado (Figura 2).



Figura 2: Malha Urbana de Guaraciama – MG. Fonte: Google Maps.

As formas da cidade se deram a partir da igreja, o núcleo central da cidade, e da praça (Foto 1) local destinado à sociabilidade e lazer da população, áreas que a partir das quais houve expansão na malha urbana para a periferia da cidade. No entorno da praça e a Avenida Maria José de Figueiredo (Foto 2) localiza-se a pequena faixa de comércio da cidade, caracterizado por poucos e pequenos estabelecimentos, com restrita variedade. Também neste mesmo local que se encontram as instituições de ensino da cidade oferecendo 1º e 2º graus chegando registrar a taxa de alfabetização de 80,70 de acordo com o IBGE (2010) e os locais de prestação de serviços como agências bancárias e do correios. Desta forma, o fluxo de pessoas e de mercadorias se destina basicamente para esta região da cidade, principalmente no horário comercial, onde a população se encaminha para o trabalho e os estudantes para as escolas, tendo em vista os alunos da área urbana e os das zonas rurais que devido à chegada dos ônibus escolares que transportam os alunos e as demais pessoas que necessitam se deslocar do campo para a cidade.



Foto 1: Praça São João Batista.

Autor: CARDOSO, A. F, 2016.

Os órgãos administrativos da cidade como a prefeitura estão situados na mesma avenida ou em cruzamentos próximos a ela, a exemplo da Câmara de vereadores, o que exprime o tráfego ainda maior de pessoas. Como assinala Corrêa (1989) na área central não se tem o foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. É nela que se concentram as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada.



Foto 2: Avenida Maria José de Figueiredo.

Autor: CARDOSO, A. F, 2016

É possível identificar que os diferentes usos dos solos são na realidade a organização espacial da cidade, estes que reproduzem o espaço urbano nos seus diversos locais. Há áreas como maiores fluxos de pessoas e serviços, e locais destinados à moradia sendo notório que não existem grandes diferenças nos padrões residenciais da população, somente algumas moradias com até três andares, com residentes que possui algum tipo de comércio ou serviço especializado.

No que se refere ao setor de serviços, a mesma oferece o básico, como no setor de saúde, a cidade conta com a Unidade Básica de Saúde Santa Clara, que presta atendimentos à população. Porém, os casos com diagnóstico mais graves são encaminhados para Bocaiúva e em sua maioria para Montes Claros, já que 50% dos municípios norte mineiros restringe a atenção básica ou básica ampliada. Assim, se destaca a posição de Montes Claros na regionalização da saúde estadual, classificado como macro pólo regional pela variedade e oferta de serviços de maior complexidade.

Atualmente, Guaraciama não possui serviço de Saneamento Básico o que propicia a criação de ambientes insalubres e afeta diretamente as condições de vida da população, visto que a qualidade água e destino adequado de esgoto e lixo podem ocasionar a proliferação e propagação de diversas doenças.

Já a oferta de emprego na cidade fica destinada aos serviços públicos oferecidos pela prefeitura ligados à área de educação, saúde, limpeza e conservação das estruturas públicas, além da receita dos aposentados. As demais vagas estão distribuídas na área de comércio sendo ambas evidentemente pequenas devido à população que totalizava em 2010, 4.718 pessoas residentes em uma área de 390, 263 km², e em 2017 segundo estimativas do IBGE passaram para 5.001 habitantes (IBGE, 2018).

De acordo com o último censo (2010), a população se divide em 2.378 homens e 2.340 mulheres. Desse total, 3.025 habitantes vivem na cidade e 1.693 no campo chegando a registrar uma taxa média anual de 0,54%, enquanto no Brasil foi de 1,17% de crescimento populacional no período de 2000 a 2010 (IBGE).

Desta maneira, a economia de Guaraciama segue a tendência dos demais pequenos municípios que tiveram sua emancipação em 1995 em um contexto pós - regime militar, onde se intensificou as emancipações no Brasil. É interessante ressaltar que de acordo com dados do IBGE, 94,5% dos 1.405 municípios instalados entre os anos de 1984 e 2000 têm menos de 20 mil habitantes e entre os 1.018 municípios instalados entre 1991 e 2000, destes apenas 40 possuíam mais de 20 mil habitantes.

Os motivos para a emancipação dos municípios variam desde as características de cada lugar (Localização, população, urbanização, dentre outros) à alegação do descaso dos municípios de origem. A criação de novos distritos administrativos deveria garantir a existência de recursos para a manutenção da cidade e seu crescimento, entretanto deve-se levar em consideração que, a execução desses serviços deve ser subsidiada de acordo com o número de habitantes.

Desta forma, Gasparini e Miranda (2006) mostraram que existe maior carência de serviços públicos nos municípios entre 5 mil e 10 mil habitantes, com tendência a quedas maiores a partir desse ponto. Tal déficit de serviços acontece de forma nítida nos municípios com até 20 mil habitantes, e em menor grau entre 20 mil e 50 mil habitantes. Além disso, é justamente nos municípios com até 20 mil habitantes que também se encontram as maiores ineficiências dos gastos. Já os municípios com até 50 mil habitantes dispõem de recursos suficientes, para colocar as cidades em uma situação de melhor cobertura de serviços públicos.

Portanto, o grau de desenvolvimento de uma cidade está intimamente ligado com os recursos disponibilizados pela mesma para investimentos tanto no perímetro urbano como rural, ou seja, a partir do que o município dispõe para a população irá impedir a evasão de pessoas para outras cidades em busca de uma melhor qualidade de vida. Como assinala Moreira:

No Brasil, a mobilidade se manifesta nos pequenos municípios, tanto com a migração de pessoas que saem do município em direção aos grandes centros, quanto os que saem da zona rural em direção as pequenas cidades. Esse último, em menor escala, mais representativo num contexto de um país que, devido ao intenso processo de urbanização que vem passando, com o decorrer dos anos, tem a maior parte da sua população vivendo nas cidades. (MOREIRA, S\D p.8)

Vê-se que a mobilidade está presente principalmente nos pequenos municípios, por não conter infraestrutura suficiente para conter a população, principalmente os municípios recém-emancipados, por possuírem dependência direta com o município de origem e também em razão de fatores que podem ser explicados a partir da realidade vivida de boa parte da população da região do norte de Minas. Apesar do IDH-M de Guaraciama em 2010 ter sido 0,677, classificado como Médio IDH, a mesma não apresenta feições suficientes para promover um bom desenvolvimento urbano capaz de impedir a mobilidade de sua população para os grandes e médios centros urbanos, apesar de registrar um crescimento na taxa de urbanização do município que passou de 53,84% para 64,12% no período de 2000 a 2010.

Outro fator que explicaria o atual cenário da cidade é a indissociação do campo e cidade, baseada na separação espacial entre atividades urbanas e não urbanas sendo elementares para caracterizar um núcleo populacional enquanto urbano. Assim, as cidades urbanas seriam aqueles centros que apresentem uma complexidade de atividades urbanas capazes de garantir um crescimento auto-sustentado e domínio territorial, o contrário do que é notável nas pequenas cidades, com a grande dependência dos municípios mais próximos. Como cita Medeiros (2005, p.43):

Todavia, são pequenas cidades onde é notória a presença de hábitos rurais no seu tecido urbano. Como por exemplo, temos pequenas granjas, currais para a criação de gado nos arredores da cidade, pocilgas, carroças puxadas por animais, criação de aves que geralmente perambulam nas ruas dos bairros mais periféricos da cidade. Nestas cidades uma intensa articulação entre espaços urbanos e rurais. Tais cidades oferecem, ainda, uma diversidade de bens e serviços inexistente no campo.

E em relação às cidades nortemineiras Pereira (2006, p. 35) assevera:

Além da convivência com a seca periódica, a baixa produção econômica, as cidades nortemineiras [...], enfrentam problemas como a falta de adequada infraestrutura urbana, o desemprego, a migração sazonal, a política do assistencialismo, as drogas, a dificuldade de acesso (péssimas condições das estradas), a falta de saneamento, a pobreza que se amplia a cada dia, dentre outros.

Portanto é nítido tanto na fala de Medeiros (2005) quanto em Pereira (2006) o predomínio de cidades com atividades voltadas para o campo pela falta de infraestrutura urbana, o que dificulta estabilidade populacional, além de tornarem

idades com o desequilíbrio das finanças locais, o déficit de execução orçamentária e déficit financeiro, caracterizando-se com baixo desenvolvimento urbano. Porém, apesar da pouca quantidade de atividade ou infraestruturas produtivas capazes de gerar renda a população, a mesma apresenta possibilidades de integrar-se ao sistema econômico do país, seja pela mão de obra barata ou pelo mercado consumidor, o que reafirma que as cidades se interagem entre si, mesmo com diferentes fluxos e escalas, como é o caso de Guaraciama.

Por fim, ilustrando o viver em pequenas cidades é imprescindível ressaltar as relações da população com a produção da identidade com o lugar, as memórias do vivido, as manifestações culturais, as práticas familiares construídas através do tempo, passada de geração em geração. Guaraciama segue a tendência de sua origem: as festas juninas, as fogueiras na frente de todas as residências, as prosas da vizinhança, a solidariedade de seus habitantes juntamente com o amor pela religiosidade, mediante a festa do padroeiro da cidade, justificada pela chegada e partida dos seus filhos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a dinâmica urbana de Guaraciama, nota-se a importância do estudo destes pequenos centros urbanos quer seja pela organização espacial das cidades como pelo papel que as mesmas representam na rede urbana. É nítido o grau constante de dependência, tendência dos municípios com menos de 10.000 habitantes mantendo a falta de infraestrutura urbana, caracterizando uma cidade com atividades típicas rurais, chegando a registrar em 2013 43% do PIB- Produto Interno Bruto ao setor de Agropecuária.

Desta forma, a população que não se mantém nesse setor, vê-se obrigado a buscar nos maiores centros urbanos, oportunidade para uma melhor qualidade de vida, já que tanto pra empregabilidade quanto qualificação não existe instituições no município ou com baixa oferta. O que provoca a mobilidade de habitantes, acarretando em um baixo desenvolvimento urbano aliado ao desequilíbrio das finanças locais e consequentemente déficit financeiro.

Nesse sentido, esse artigo procurou compreender a dinâmica urbana de Guaraciama, onde se verificou que as formas da cidade se deram a partir da igreja, o núcleo central da cidade, local que propiciou a expansão na malha urbana, sendo a área com maior fluxo de pessoas e serviços, devido à proximidade da praça e a Avenida Maria José de Figueiredo onde se localiza a pequena faixa de comércio da cidade e as instituições de prestação de serviços básicos população.

Já a oferta de emprego cidade fica destinada aos serviços públicos oferecidos pela prefeitura ligados à área de educação, saúde, limpeza e conservação das estruturas públicas, além da receita dos aposentados. As demais vagas estão distribuídas na área de comércio sendo ambas evidentemente pequenas.

Desta maneira, a economia de Guaraciama segue a tendência dos demais pequenos municípios que tiveram sua emancipação em 1995, com grau de desenvolvimento baixo. Apesar do IDH-M de Guaraciama em 2010 ter sido 0,677, classificado como Médio IDH, a mesma não apresenta feições suficientes para promover um bom desenvolvimento urbano capaz de impedir a mobilidade de sua população. Aliado a indissociação campo-cidade, não apresenta uma complexidade de atividades urbanas capazes de garantir um crescimento auto-sustentado.

Porém, apesar da pouca quantidade de atividade ou infraestruturas produtivas capazes de gerar renda a população, a mesma apresenta possibilidades de integrar-se ao sistema econômico do país, através mão de obra barata ou pelo mercado consumidor por meio das redes urbanas.

Portanto, vê-se a importância o estudo das cidades pequenas e seu papel na rede urbana. Pois, conhecendo a dinâmica urbana, aliado a produção da identidade e as manifestações culturais dos centros urbanos, poderão ser auxílio na criação de políticas públicas que realmente se adequam a realidade urbana destas cidades. Propiciando uma melhor qualidade de vida para a população.

REFERÊNCIAS

BRITO, Fausto. **O deslocamento da população brasileira para as metrópoles**. In: Revista de Estudos Avançados. Estud. av. vol.20 no.57 São Paulo May/Aug. 2006. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200017> > Acesso: 24 de Agosto de 2016.

CAMARANO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami. **Distribuição espacial da população brasileira: mudanças na segunda metade deste século**. Texto para discussão nº 766, IPEA. Rio de Janeiro: novembro de 2000, 21 p. Disponível em:< www.ipea.gov.br> Acesso: 16/06/2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

FRANÇA. Iara Soares de. **A cidade média e suas centralidades: O exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais**. Dissertação de mestrado em Geografia pelo Programa de Pós- graduação em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia- UFU. 2007.

GASPARINI, C. E.; MIRANDA, R. B. **Análise da equidade e da eficiência das ações municipais – uma avaliação usando Análise de Envoltória de Dados (DEA)**. Ipea, 2006 (Relatório de Pesquisa, n. 3).

Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2000-2010**. Disponível em: <WWW.ibge.com.br > Acesso: 15 de Julho de 2016

LUFT, Deise Beatriz. **A indústria e sua influência no processo de segregação socioespacial em Itapetinga/Ba**. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre – RS. Disponível em: < [file:///C:/Users/DEISE/Downloads/download \(539\).PDF](file:///C:/Users/DEISE/Downloads/download%20(539).PDF)> Acesso em: 28 de Agosto de 2016.

MAGALHÃES, Sandra Célia Muniz. (2005). **A expansão urbana de Montes Claros e suas implicações na ocorrência de doenças de veiculação hídrica**. Dissertação (Mestrado em Geografia) PUC-SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARICATO, Erminia; TANAKA, Giselle. **O planejamento urbano e a questão fundiária**. Revista

Ciência Hoje. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 38, N° 227, p. 16-23, jun. 2006.

MATOS, Ralfo. **Aglomeraciones urbanas, rede de cidades e desconcentração demográfica no Brasil**. In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 2000. Caxambu-G. Anais. Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), pp. 1-22.

MEDEIROS, Maria Suely da Silva. **A produção do espaço urbano nas pequenas cidades do Seridó Potiguar**. Dissertação de mestrado em Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005. Disponível em:< <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MariaSSM.pdf>> Acesso: 11-05- 2016.

MOREIRA, Silmara Oliveira. **A Mobilidade em uma pequena cidade Baiana: Um estudo sobre Belo Campo- BA**. S/D. Disponível em:< <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2n.pdf> > Acesso: 26 de Agosto de 2016.

PEREIRA, Anete Marília **A geografia e a questão regional num contexto de novas configurações territoriais**. In: Revista Cerrados v. 4, n. 1, (2006). Montes Claros : Ed: Unimontes, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Editora Nobel, 1997.

SILVA, Gilson Santos. **Negros com renda média no bairro Pituba**. Dissertação de mestrado em análise Regional e Urbano da Universidade de Salvador- UNIFACS, 2007. Disponível em: < http://tede.unifacs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=203>.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-019-3

